

Uma província urbana assistiria a revolução

Natal de 1935 era uma cidade provinciana de aproximadamente quarenta e dois mil habitantes, o equivalente a apenas cinco por cento da população do estado. Com a atividade econômica baseada na agricultura e na pecuária, a população do Rio Grande do Norte era predominantemente rural, a capital sediando as incipientes atividades administrativas, o ensino de primeiro grau e umas poucas indústrias de transformação.

A área urbana encontrava-se circunscrita a um perímetro limitado a leste pelas praias do Meio e de Areia Preta, ao norte o rio Potengi, ao sul a cadeia de dunas acompanhada pela avenida Hermes da Fonseca e ao oeste, uma linha imaginária que partindo do atual Aero Clube, acompanhava a rua presidente Sarmento (avenida Quatro) até o Potengi. Areia Preta possuía algumas casas de veraneio e Brasília Teimosa e Santos Reis eram um grande areal (aliás denominação que persiste até hoje, em certo trecho).

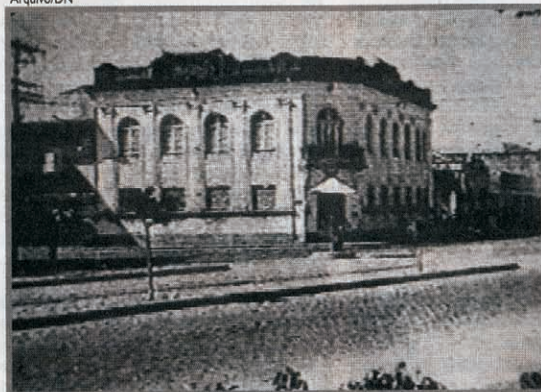
Nas Rocas, concentrava-se uma população predominantemente operária e de estivadores e portuários, o que explicava a intensa atividade política no bairro, que abrigava a maioria dos militantes do Partido Comunista e dos sindicatos.

A Ribeira sediava as principais repartições públicas estaduais e federais, o comércio atacado e o sofisticado, bares e jornais. Na rua Tavares de Lira, o centro nevrálgico da cidade (equivalente ao Grande Ponto das décadas de 50 a 70), o Banco do Brasil, o Café Cova da Onça (onde havia tradicionais rodas de políticos, empresários e profissionais liberais), o Hotel Internacional (na esquina da Rua Chile) e ao final, o cais onde faziam o traslado, em lanchas para os navios, os passageiros do único meio de transporte para o sul do país. Na Tavares de Lira também se realizavam os festejos carnavalescos e as concentrações políticas. Na Duque de Caxias e ruas adjacentes residiam famílias de classe média e alta, algumas protagonistas dos episódios adiante descritos.

Na praça Augusto Severo, o Teatro Carlos Gomes, única casa de espetáculos do gênero era também o grande auditório onde ocorriam as principais solenidades da cidade. No outro lado da praça, o Cinema Politeama.

A Assembléia Legislativa, instalada em 29 de novembro, após recesso de cinco anos, funcionava no prédio que hoje sedia a Ordem dos Advogados do Brasil, secção do Rio Grande do Norte. De frente, a praça Tomás de Araújo, onde seria construída a atual sede do SESC e do outro lado da mesma, o Quartel do 21º Batalhão de Caçadores, no terreno hoje ocupado pelo Colégio Estadual Winston Churchill. No quarteirão ao lado, onde hoje situa-se a agência do Banco do Brasil, o mercado público da Cidade Alta, na época o único existente. Ainda na avenida Jun-

Arquivo/DN



A Prefeitura de Natal, na época do Movimento Revolucionário de 1935

queira Aires (atual Câmara Cascudo) no prédio hoje ocupado pela Capitania das Artes, a Escola de Aprendizes Marinheiros, única unidade naval sediada na cidade.

Cruzando as praças Sete de Setembro, André de Albuquerque e João Tibúrcio e descendo em demanda do Rio Potengi, vamos encontrar na velha rua da Salgadeira, onde hoje funciona a Casa do Estudante, o quartel do Batalhão de Polícia Militar que foi o cenário da principal batalha ocorrida em Natal.

No ano de 1935, os estabelecimentos que ministravam o ensino formal de primeiro grau eram em número reduzido, compreendendo o velho Atheneu Norte-Riograndense, no prédio hoje ocupado pela Secretaria Municipal de Finanças, a Escola Normal, na rua da Conceição (ao lado da atual Assembléia Legislativa), o Ginásio Santo Antonio (no atual convento do mesmo nome), o Ginásio Nossa Senhora das Neves, no Alecrim, o Ginásio Pedro II, na avenida Rio Branco, por trás do teatro e a Escola Doméstica, na Ribeira, onde hoje funciona o Centro Clínico Dr. José Carlos Passos.

Três jornais tinham circulação diária: A República, órgão oficial do estado, dirigido pelo advogado Edgar Barbosa, A Razão, órgão do Partido Popular, fundado em 1934, durante a campanha eleitoral e que encerrou suas atividades após a posse do governador Rafael Fernandes, O Jornal, dirigido pelo jornalista e advogado provisionado João Café Filho, que exercia o papel de principal voz de oposição desde os últimos anos da República Velha e A Ordem, folha católica, à época com orientação fortemente integralista.

As únicas agremiações sociais eram o Natal Clube, na esquina da avenida Rio Branco com a rua João Pessoa e o Clube Carneirinho de Ouro, na avenida Tavares de Lira, que mesmo com

atividades reduzidas, sobrevive até os nossos dias.

Nos esportes, o remo atraía a atenção da sociedade, disputado entre o Centro Náutico Potengi e o Sport Clube de Natal, com suas sedes na rua Chile, às margens do Potengi, onde as regatas domingueiras mobilizavam a população. O futebol iniciava a consolidação de sua popularidade, deixando a prática

improvisada nas praças Pedro Velho e Pio X, já realizando seus campeonatos no então chamado "Campo da ARA", atual estádio Juvenal Lamartine, onde rivalizavam ABC, América e Alecrim, fundados em 1915. Nesse ano de 1935, como sempre sob o comando de Vicente Farache, o ABC Futebol Clube sagrou-se tetracampeão, com um time histórico formado por Edgar, Nezinho e Dorcelino; Adalberto, Hermes e Acácio; Oscar, Simão, Xixico, Mário Crise e Edevaldo.

O único meio de transporte coletivo era o bonde elétrico, implantado na década de 20 e que sobreviveu até 1954. Seu trajeto, partindo da Ribeira, cursava a Duque de Caxias, praça Augusto Severo, Junqueira Aires, Ulisses Caldas e Rio Branco, terminando na praça Padre João Maria. Do Grande Ponto, saíam três linhas em demanda dos novos bairros residenciais: para Petrópolis, seguindo a João Pessoa, Deodoro, praça Pedro Velho, Nilo Peçanha e Getúlio Vargas, onde findava; para o Tirol, pela Jundial e Hermes da Fonseca, até o Aero Clube; para o Alecrim, descendo a Rio Branco, subindo a Amaro Barreto e pela Presidente Quaresma chegando à rua São João, em Lagoa Seca. Não havia mais que três dezenas de automóveis particulares na cidade e alguns poucos "carros de aluguel". O sistema de telefonia, embora existente há mais de uma década, era precário e limitado, com menos de uma centena de aparelhos. Tal deficiência de comunicações, agravada pela coincidência (ou pelo propósito) da eclosão do movimento ter ocorrido em um final de semana, teria fundamental importância nos acontecimentos.

Estava montado o cenário. Deixemos que os atores saíam da coxia e adentrem o palco.

CAPITAL, PALCO POLÍTICO